

13 SET 1983

# DÍVIDA INTERNA

## É preciso renegociar, diz o secretário do MIC.

Uma renegociação da dívida interna, escalonando-a em prazo compatível com as necessidades da economia, foi defendida ontem pelo secretário-geral do Ministério da Indústria e Comércio, Marcos José Marques, durante a cerimônia de abertura de um seminário patrocinado pelo MIC para estimular as exportações. De acordo com o técnico, essa renegociação deveria permitir a criação dos empregos necessários para evitar a explosão social generalizada que pode ser antevista através de vários avisos deixados pela insatisfação da sociedade nas últimas semanas.

A dívida interna, que poderá chegar a Cr\$ 20 trilhões até o final do ano, disse Marques, reduz a capacidade do governo de estruturar uma política capaz de financiá-la sem correr o risco do fracasso, porque ela estimula a rigidez das altas dos juros. Os bancos pagam alto na captação, e, conseqüentemente, têm de emprestar a preço alto.

Partindo para "flexibilizar" no tempo o resgate da dívida externa, disse Marques, será possível obter a redução das taxas de juros, porque o governo teria espaço para negociar com os compradores dos seus papéis suas respectivas remunerações. Marques aceita a conveniência de estudar a aplicação da corre-

ção monetária plena apenas sobre os papéis de médio e longo prazo, e não sobre os de curto prazo, como ocorre hoje, como uma das medidas para reduzir os juros, assim como outras medidas em discussão, mas destaca que a tarefa é do presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e não dele.

Entretanto, lembrou, enquanto as taxas de juros não baixarem, é improvável a retomada dos negócios, e maior o perigo de aumentar a recessão, colocando-se em risco a base industrial brasileira que, neste momento, padece consideravelmente de falta de liquidez. A sobrevivência do mercado interno, segundo Marques, depende da queda dos juros, e deve-se ressaltar que sem um mercado interno estável não será possível manter a política de exportação em prática.

As exportações não crescerão, acredita ele, se o mercado interno continuar instável, porque os recursos destinados a elas saem da receita de impostos, que, por sua vez, dependem do funcionamento da economia, caso contrário não haverá arrecadação suficiente.

A saída para o País, na opinião de Marcos José Marques, é preencher com exportações o espaço perdido com a queda de demanda do mercado interno. Mas "uma coisa

está ligada à outra: o mercado externo não sobrevive sem o mercado interno, e este não pode ser destruído para favorecer aquele", afirmou Marques.

O governo tem, segundo ele, de encontrar uma forma de compatibilizar a política monetária restritiva com as necessidades de sobrevivência do mercado interno, para que se possa viabilizar a própria exportação. Se continuarem inviáveis as taxas de juros, Marques acha que o parque produtivo nacional poderá sofrer duro golpe na sua infraestrutura.

O secretário do MIC mostrou-se cético com a eficácia do acordo com o FMI, prevendo redução da inflação a 55% e a zero o déficit público em 1984, duvidando da possibilidade do recuo drástico da inflação. O combate à inflação, porém, ressaltou, é essencial porque o próprio setor industrial deixou de seguir parâmetros estabelecidos pelas inflações previstas com antecedência para um ano ou até mesmo semestre, e está procurando, agora, viver conforme a sua previsão particular, que, naturalmente, está carregada de pessimismo. A inflação, disse, deixou de ser ponto de referência para o empresário, pois julga que ela será maior do que se prevê oficialmente.